

Estatísticas do Sagrado (final)

AROLDO MURÁ G. HAYGERT

Uma recente pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que o catolicismo deixou de perder fiéis no Brasil no período de 2000 a 2003, tendo os católicos passado de 73,89% para 73,79% da população. As causas podem ir desde a ampliação de programas sociais, como quer o pesquisador Marcelo Nery, da Fundação, beneficiando a baixa renda que, assim, desinteressa-se em procurar novas crenças. Mas a reação católica contempla várias áreas, fazendo jus ao próprio nome – católico é universal, palavra grega. Além dos enumerados, a reação da Igreja estaria englobada em outras ações que não significam dificuldades para a hierarquia apoiar as muitas linhas de espiritualização de um rebanho que, desde o Brasil Colônia, acostumou-se a exercer seu culto com criatividade na diversidade. Afinal, no começo, os leigos eram os donos dos santos e do seus lugares de cultos.

Assim, se a Igreja oficial, depois do Vaticano II, teria gerado um catolicismo “muito cerebral”, segundo se queixam contestadores do Concílio, lembrando os anos 70 (quando muitos santos foram tirados dos altares e a liturgia teria “empobrecido”) nem por isso as grandes manifestações de religiosidade popular desapareceram.

Mas, ao contrário, tendem a crescer todos os anos, como a festa do Círio de Nazareth, em Belém,

atraindo milhões, e milhões que vão rezar em Aparecida ou nos grandes santuários do Nordeste ou da Senhora de Caravaggio, no Rio Grande do Sul.

Os seios fartos de uma Igreja que não estaria disposta a depauperar-se, perdendo massa de apoio (embora aceite não mais ser hegemônica) têm amplo cardápio para acolher os que dela se aproximam. No lugar das antigas irmandades, surgem as chamadas comunidades de aliança e vida, modernas, núcleos de vida comum de ambos os sexos em ações laicas; mas os que querem uma vivência mais tradicional (e sempre ortodoxa, fiel à Igreja institucional) estarão ligados a instituições como o movimento Regnum Christi, dos Legionários de Cristo, cujos religiosos vestem-se com “clergyman” ou batina; as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) já não têm os fulgores de outrora, mas continuam com a Teologia da Libertação espalhadas em todo o Brasil e tendo alguns de seus nomes exponenciais como voz para contestar até o Papa, como Frei Betto, um católico que não esconde a simpatia pelo ditador de Cuba mas é, sabidamente, um homem de oração e testemunho espiritual e ético; centenas e centenas de mosteiros, conventos e casas de formação continuam atraindo jovens para vida de reclusão ou de ação e contemplação, em ordens ou congregações; há novos movimentos surpreendentes, como que

replicando os dias de Francisco de Assis, sendo bom exemplo a Toca de Assis, uma imersão total da juventude na partilha com os pobres mais pobres, nas ruas, na miséria, na pobreza; os leigos do Opus Dei, que vivem a consagração pelo trabalho; as universidades católicas que tentam fortalecer as pastorais universitárias, sabendo que dificilmente reviverão o "boom" da Ação Católica dos anos 50 e 60; as editoras católicas que abastecem aqueles que pensam a ação e a vida "en route" da Igreja, como a Paulus, a Quadrante e a Vozes. Esse cardápio variado abriga experiências e presenças em lugares absolutamente esquecidos, como as Irmãs de Jesus (Charles Foucauld) ou as irmãs de Madre Tereza de

Calcutá, vivendo entre os abandonados do mundo, como sal da terra; e há os padres e irmãos operários de origem francesa (alguém se lembra do livro "Les saints vont à l'enfer?", de Gilbert Cesbron) vivendo em fábricas, anonimamente, a presença católica; as casas de retiro, milhares no país, estão cheias. Em Curitiba, uma delas abriga 150 pessoas por dia.

A chamada reação católica envolve presença no mundo da ciência, e cito apenas quatro bons exemplos: Raul Marino Jr., neurologista referencial, autor do best-seller "A Religião do Cérebro", de São Paulo; o cientista e ecologista Evaristo

Eduardo de Miranda, chefe do Monitoramento Ambiental por Satélite da Embrapa, de Campinas; o geneticista doutor Waldemiro Gremski, da PUCPR; e o cirurgião-oncologista Cícero Andrade Urban, com contribuição incomensurável à ciência e a fé.

A plasticidade do catolicismo é visível nessa retomada de posição, com lugar para experiências que vão desde a absoluta reclusão de monges cartuxos em Santa Maria (RS), à inserção no mundo dos fiéis da liturgia tridentina, abrigados na Fraternidade São João Maria Vianney que, com autorização do Vaticano, celebra segundo o ritual de Pio V (antes do Vaticano II), e que uma vez por mês tem missa na Capela do Hospital Militar de Curitiba.

Num universo de milhões de católicos, a Igreja ganha muitas novas formas de expressão. A Pastoral dos Surdos e a Escola Epheta são apenas dois exemplos de uma caminhada que o padre Ricardo Hoepers chama de "fidelidades à Palavra", mas que, humanamente falando, dão a medida de uma incrível visibilidade em busca de um tempo que parecia perdido.

AROLD MURÁ G. HAYGERT é jornalista, presidente do Instituto Ciência e Fé e pesquisador de novos movimentos religiosos cristãos: [www.cienciaefe.org.br]